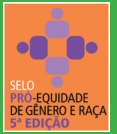




ECONOMIA EM DIA

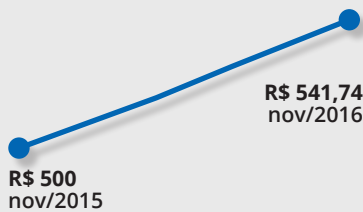


INFORMATIVO DE MACROECONOMIA E FINANÇAS PESSOAIS DA FUNDAÇÃO REAL GRANDEZA

INDICADORES

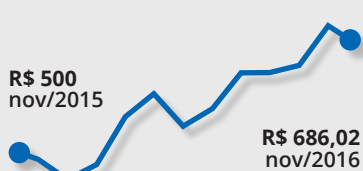
Poupança

(Rentabilidade em 12 meses = 8,35%)



Bolsa de Valores

(Rentabilidade em 12 meses = 37,20%)



Fundos de Investimento

Multimercado

(Rentabilidade em 12 meses = 15,23%)



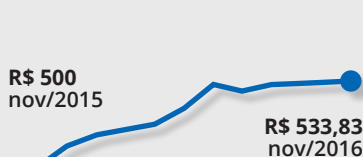
Renda Fixa

(Rentabilidade em 12 meses = 14,19%)



Variação IGP-DI

(Acumulado em 12 meses = 6,77%)



Índice Geral de Preços medido pela FGV

Variação IPCA

(Acumulado em 12 meses = 6,99%)



Índice de Preços ao Consumidor Ampla medido pelo IBGE

PARA ONDE FOI O OTIMISMO COM A ECONOMIA BRASILEIRA?



A economia brasileira encolheu 0,8% no terceiro trimestre de 2016. Nos dois primeiros trimestres do ano, o PIB já tinha apresentado contração (0,5% no 1º e 0,4% no 2º). Com um desempenho tão negativo, perderam tanto as empresas, cujos lucros caíram, como a população, uma vez que a taxa de desemprego alcançou níveis elevadíssimos (11,8% no 3ºT), atingindo muitas famílias brasileiras. O resultado negativo do 3ºT já era esperado pelo mercado financeiro, mas, apesar da economia fraca, havia certo otimismo em relação a 2017, fundamentado nas mudanças na condução das políticas econômicas e na expectativa de aprovação de reformas no Congresso Nacional, que poderiam restaurar a confiança na economia brasileira e atrair novos investimentos. Em setembro, quando o otimismo estava ainda em ebulição, os economistas esperavam um crescimento de 1,3% do PIB, em 2017. Alguns acreditavam até em um crescimento de 3%. O índice de confiança do consumidor da Fundação Getulio Vargas (FGV), que em abril encontrava-se no nível mais baixo da série histórica iniciada em 2005, recuperou-se rapidamente e atingiu o seu ápice do ano 2016 em outubro. No meio empresarial, o sentimento em relação à economia brasileira também era positivo. O índice de confiança do empresário industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que permaneceu nos níveis mais baixos da série histórica durante os quatro primeiros meses do ano, apresentou expressiva recuperação até setembro. No entanto, à medida em que 2017 se aproximava, esse otimismo foi perdendo força. Os economistas revisaram para baixo suas estimativas para o crescimento da economia brasileira e os índices de confiança, tanto de consumidores quanto de empresários, diminuíram.

FIQUE DE OLHO



Os economistas revisaram para baixo suas estimativas para o crescimento da economia brasileira e os índices de confiança, tanto de consumidores quanto de empresários, diminuíram.

Os economistas revisaram para baixo suas estimativas para o crescimento da economia brasileira e os índices de confiança, tanto de consumidores quanto de empresários, diminuíram. A média das estimativas do mercado financeiro para o crescimento do PIB em 2017 recuou para 0,6% e já há previsões de uma queda de 0,5%. Por traz dessa visão prospectiva menos otimista está a percepção de que a aprovação das reformas no Congresso poderá seguir um ritmo mais lento do que o desejado, bem como a mudança de governo nos EUA, que gera incertezas. A revisão das estimativas indica que havia um excesso de otimismo, mas a expectativa do mercado em relação à economia brasileira continua moderadamente positiva. As projeções para a taxa de variação do PIB no próximo ano indicam que haverá uma melhora em relação a 2015 (ano em que o PIB recuou quase 4%) e 2016, ano para o qual se espera uma queda superior a 3%. A economia brasileira ainda está muito longe do cenário desejado e as expectativas também não estão no melhor momento, mas o mercado, por enquanto, acredita que o país está no rumo para uma futura recuperação, ainda que lenta.

DECIFRANDO O ECONOMÊS



PIB – é a sigla de Produto Interno Bruto, que corresponde ao valor monetário de todos os bens e serviços produzidos em um país, durante um período determinado.

Índice de Confiança – indicador que representa a sensação dos agentes econômicos (consumidores ou empresários) em relação à situação da economia do país, presente e futura, e sinaliza o comportamento esperado desses agentes em relação ao consumo e ao investimento. Índices de confiança baixos indicam baixa disposição dos consumidores em consumir novos produtos e reduzida intenção dos empresários em realizar novos investimentos.



**TIRA
TEIMA**

Meus rendimentos aumentaram. É hora de gastar mais?

Para melhorar sua qualidade de vida financeira, não tem mágica: é preciso diminuir as despesas ou aumentar seus rendimentos. No entanto, ganhar mais não significa necessariamente que você deve gastar mais. Não é boa prática desprezar o planejamento financeiro só porque você passou a ganhar mais. Antes de sair gastando sem controle, considere se você tem dívidas a quitar, avalie novas oportunidades de negócios e investimentos que possam fazer seu dinheiro crescer ou até mesmo aumente seu patrimônio, comprando um imóvel. Não esqueça também que você pode destinar uma parte dos seus recursos para formar uma reserva financeira para o futuro, principalmente, se você não tem ainda o hábito de poupar e não tiver reserva já constituída. Sua receita pode ter aumentado, mas se você quer ter tranquilidade na vida financeira, gastar menos do que ganha continua uma regra válida.

SEU DINHEIRO

Você ainda está esperando o Papai Noel?

A visão da neuroeconomia sobre as decisões que afetam nossa vida financeira

Algumas poucas pessoas tem muita sorte: nasceram em família rica, ganharam na loteria ou sempre tiveram as melhores oportunidades. Suas vidas são quase um conto de fadas. Já para a maioria de nós, que não temos essa sorte, o melhor é desenvolver a disciplina com as finanças pessoais, ao invés de esperar que o Papai Noel venha com a solução para nossos problemas financeiros. Para isso, é importante tomar consciência de que há comportamentos que podem estar sabotando nossas finanças. A neuroeconomia, nova área de investigação que combina conhecimentos de economia, neurociência, e psicologia, busca identificar os aspectos que influenciam a tomada de decisão, que às vezes pode levar ao fracasso nos investimentos realizados e a uma vida financeira insatisfatória. Os estudos nessa área visam desvendar como o cérebro se comporta diante de decisões econômicas e apontam que as escolhas dos indivíduos não são sempre baseadas em princípios racionais. Fatores emocionais exercem importante influência na percepção das alternativas, na formação de preferências e na escolha final. Esse tema é muito vasto e altamente complexo. Traduzindo a questão de forma bastante simplificada, a neuroeconomia distingue dois tipos de processos que envolvem a tomada de decisão. Os processos automáticos envolvem decisões rápidas, geralmente relativas às situações do dia a dia, como por exemplo: compras que realizamos por impulso em resposta a diversos estímulos e situações (promoções instantâneas, por exemplo), sem considerarmos de forma apropriada a necessidade daquela aquisição naquele exato momento, nem outras alternativas, dentre as muitas normalmente existentes. Nos processos controlados, as decisões envolvem mais reflexão, como nas compras de bens de valor mais elevado, mas não estão totalmente isentas de erros e também compreendem fatores emocionais. Assumir prestações para comprar um bem de valor muito alto pode comprometer o orçamento familiar, enquanto aplicar seu dinheiro num investimento só porque você ouviu um amigo dizer que esta era a melhor aplicação do momento pode levar a perdas no seu patrimônio. Esses são exemplos de decisões que podem prejudicar as finanças, ainda que tenha havido reflexão. Para fugir dessas armadilhas, considere essas atitudes: avalie o quanto suas decisões de consumo estão pautadas pela emoção, informe-se bem sobre todos os custos envolvidos em um financiamento e sobre as oportunidades de investimento e, se possível, procure adquirir algum conhecimento sobre finanças e investimentos para pautar suas decisões de forma mais racional.